

CAMINHOS DA PESQUISA DE  
GÊNERO E SEXUALIDADE:  
PERSPECTIVAS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

## CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Larangeira – REDE JIM  
André Lemos – UFBA  
André Parente – UFRJ  
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ  
Claudia Attimonelli – UniBa – Bari  
Cristiane Finger – PUCRS  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Erick Felinto – UERJ  
Issaaf Karhawi – UNIP  
Jaqueline Moll – UFRGS  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Luiz Mauricio Azevedo – USP  
Marcelo Ikeda – UFC  
Marcos Aurélio Felipe – UFRN  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Maura Penna – UFPB  
Micael Herschmann - UFRJ  
Michel Maffesoli – Paris V  
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Vincenzo Susca – Montpellier III  
Vicente Molina Neto – UFRGS



### Apoio

Este livro contou com auxílio para publicação da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap e do Governo do Estado do Ceará, relacionado ao Edital 02/2020 PPSUS CE SPU, n. 07905706/2020, n. P020-0171-00134.01.00/20

# CAMINHOS DA PESQUISA DE GÊNERO E SEXUALIDADE: PERSPECTIVAS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

Autoras e autores:

Aluísio Ferreira de Lima (Org.)

Yarimar Rosa-Rodríguez (Org.)

André Luiz Machado das Neves

Ángela Elena Suarez Estévez

Camila Ribeiro da Silva

Fernanda Machado

Fernanda Silva e Sousa

Iolete Ribeiro da Silva

Jaileila de Araújo Menezes

Jancleide Teixeira Góes

Julieta de Marziani

Luiza Romão

Madge Porto

Maria Natália Matias Rodrigues

Miriam Rodríguez Ojeda

Paribanú Freitas De León

Sofia Boito

Stephanie Caroline Ferreira de Lima

Tania Esmeralda Rocha Sánchez

Valerie Asencio Torres

Valeska Zanello

Yoanka Rodney Rodríguez



*Editora Sulina*

Copyright © Autores, 2024

Capa: Like Conteúdo (Sobre imagem de Julieta de Marziani)

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

C183

Caminhos da pesquisa de gênero e sexualidade: perspectivas da América Latina e Caribe / organizado por Aluísio Ferreira de Lima e Yarimar Rosa-Rodríguez. – Porto Alegre: Sulina, 2024.  
310 p.; 16x23 cm.

ISBN: 978-65-5759-132-1

1. Sociologia. 2. Antropologia. 3. Racismo. 4. Diversidade. 5. Gênero. 6. Geopolítica América Latina – Gênero – Sexualidade. I. Lima, Aluísio Ferreira de. II. Rosa-Rodríguez, Yarimar.

CDU:316.34

316.77

320.56

CDD:301

302

320.56

---

Todos os direitos desta edição são reservados para:

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

CEP: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Março/2024

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

[...] sobrevivência não é uma competência acadêmica. Sobreviver é aprender a se sustentar sozinha, em meio a marginalização e aos insultos, e a fazer de sua causa comum as mesmas causas daqueles que são identificados como fora das estruturas, a fim de definir e buscar um mundo onde possamos todos florescer. Sobreviver é aprender como assumir nossas diferenças e torná-las uma força.

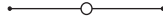
Audre Lorde<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca destruirão a casa-grande. In: Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro & André Mesquita. *Histórias Afro-Atlânticas*: antologia. São Paulo: MASP, 2022. p. 61-62.



## DEDICATÓRIA



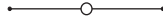
Este livro é dedicado a todas as mulheres, àquelas que sequer eram reconhecidas como mulheres (como denunciou Sojourner Truth e Xica Manicongo), àquelas que não assinaram as descobertas científicas que fizeram, as obras de arte e literaturas que produziram, às mulheres que foram trancafiadas em manicômios, se tornaram objetos de experimentações, perversões e violências de todo tipo, às mulheres que não tiveram suas vidas registradas nos arquivos da história, às mulheres que persistiram, que resistiram, que insurgiram. É um livro dedicado às trabalhadoras, mães, irmãs, pesquisadoras. Este livro é dedicado a todas as mulheres que arrastam consigo todos os fantasmas das mulheres que as antecederam e sentem o chamado, a convocação, para seguir com a luta sem perder de vista que as questões de gênero, sexualidade, raça e colonialidade nos atravessam. Às mulheres que acompanham e apoiam, às que já nos apoiaram e às que apoiamos. Este livro é dedicado a todas as mulheres e a você, mulher, que, embora não conheçamos, não está com este livro em mãos por acaso. Certas pessoas nascem com o privilégio de inventar e escolher suas lutas; outras nascem com a guerra interpelando suas existências, só restando seguir na luta.

Este libro está dedicado a todas las mujeres, a las que ni siquiera fueron reconocidas como mujeres (como denunciaron Sojourner Truth y Xica Manicongo), a las que no firmaron los descubrimientos científicos que realizaron, las obras de arte y literatura que produjeron, a las mujeres que estuvieron encerradas en asilos, se convirtieron en objetos de experimentación, perversiones y violencias de todo tipo; a las mujeres que no tuvieron su vida registrada en los archivos de la historia, a las mujeres que persistieron, que resistieron, que se le-

vantaron. Es un libro dedicado a trabajadoras, madres, hermanas, e investigadoras. Este libro está dedicado a todas las mujeres que llevan consigo todos los fantasmas de las mujeres que las antecedieron y que sienten el llamado... el llamado, a seguir en la lucha sin perder de vista los temas de género, sexualidad, raza y colonialidad que nos atraviesan. A esas mujeres que acompañan y sostienen, a las que nos sostienen y a las que nosotros sostenemos. Este libro está dedicado a todas las mujeres y a ti, mujer que aunque no te conocemos, tienes este libro en tus manos y no por casualidad. Algunas personas nacen con el privilegio de crear y elegir sus luchas, otras, como nosotros, nacen con la guerra interpelando nuestras vidas, dejándonos continuar la lucha.



# AGRADECIMENTOS



Organizar um livro é um empreendimento complexo, uma mistura de sonho e muito suor. Após a escolha do projeto a ser trabalhado, do tema que irá atravessar todo o livro, segue uma tarefa que exige planejamento, escolha cuidadosa de convidadas e convidados, envio de convites, recusas, aceites, horas de revisão, imprevistos de última hora que impedem a chegada de textos que eram esperados, recusas e prazos. Organizar um livro com mais uma pessoa nem sempre torna tudo isso mais fácil, pois cada uma dessas coisas requer um alinhamento forte. Principalmente quando ocorre decisão de que os capítulos seriam publicados em dois idiomas, preservando as origens da escrita das autoras e autores. Assim, quero iniciar meus agradecimentos pelo nome de Yarimar Rosa-Rodríguez, que não pensou duas vezes ao receber meu convite para sonhar este livro e o trabalho que viria com sua execução. São muitos anos de conversas entre uma boricua e um brasileiro, em que a própria manutenção de nossas línguas maternas nos diálogos demonstra o respeito e carinho que temos por nossas singularidades, que atravessam de uma ponta a outra o mar do Caribe. ¡ *Yarimar, gracias por su confianza, gracias por enseñarme tanto!*

Outras pessoas também foram, como sempre, essenciais para que este livro pudesse existir. Sei que nestas linhas seria impossível citar o nome de todas, as mais próximas poderão me desculpar, outras sequer saberão o quanto foram importantes. Cada uma delas em um momento que me atravessou e tornou-me melhor, embora saiba que ainda existam tantas coisas a serem melhoradas nos dias e anos por vir, justamente por ter nascido homem em uma sociedade cujas patologias sociais do patriarcalismo, capitalismo, racismo, sexismo, homofobia, capacitismo etc. me interpelam. Entretanto, não poderia deixar de agradecer a Stephanie, que tem me dado a oportunidade

de experimentar e tentar, mesmo que com tantos erros e limitações, ser pai nesta vida. Seu nascimento foi um marco para meu renascimento e o início de tudo que viria a seguir. Agradeço a Meire, por ser a pessoa que jamais deixou que desistisse de mim, mesmo quando eu mesmo sentia que não havia mais nenhuma possibilidade de seguir em frente, ainda quando ninguém apostaria num porvir em mim. Tatianna, obrigado por trazer tantos questionamentos, por ser alguém que não tem receio de dizer que não gostou de algo ou que eu preciso aprofundar melhor determinada coisa. Sua leitura crítica de meu texto foi muito importante. Agradeço às pesquisadoras e pesquisadores do Parallaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica da Universidade Federal do Ceará – UFC, pelas conversas sobre o cotidiano, pelas ideias, pelos estudos, pelos ensinamentos que são sempre maiores do que o que posso ensinar.

Agradeço a cada uma das mulheres, pesquisadoras, artistas, escritoras que aceitaram meu convite e de Yarimar para somar a este nosso sonho. Ángela Elena Suarez Estévez, Camila Ribeiro da Silva, Fernanda Machado, Fernanda Silva e Sousa, Iolete Ribeiro da Silva, Jaileila de Araújo Menezes, Jancleide Teixeira Góes, Julieta de Marziani, Luiza Romão, Madge Porto, Maria Natália Matias Rodrigues, Miriam Rodríguez Ojeda, Sofia Boito, Stephanie Caroline Ferreira de Lima, Tania Esmeralda Rocha Sánchez, Valerie Asencio Torres, Valleska Zanello e Yoanka Rodney Rodríguez, muito obrigado por suas generosidades e textos tão incríveis. De algumas de vocês ainda só conheço as escrituras e imagens, desejando que a vida possa favorecer com que nossos caminhos se cruzem e possamos nos conhecer pessoalmente. Agradeço ao homem que compõe um texto junto dessas mulheres, André Luiz Machado das Neves, e a Paribanú Freitas De León, que tanto me honra com a escrita de seu capítulo.

*Aluísio Ferreira de Lima*

Muchas personas han transitado mis espacios y mis tiempos durante la elaboración de este libro. Mencionarles a todas, sería imposible. Igualmente hubiera sido imposible soñar, idear, conceptualizar y trabajar en el libro sin otras. Alaia Amirah, gracias por ceder tus tiempos, por tu presencia constante a mi lado, recordando que gestamos por mí, por ti, y por todas las nosotras. Gracias por cada pregunta e interés en el libro desde tu mirada adolescente, por las tardes y noches que decidiste escribir tus historias en el escritorio del lado. Gracias por ayudarme y dirigirme a construir este proyecto de ser una ciudadana académica que materna.

Elithet y Eduardo gracias por sostenerme y acompañarme a resistir desde adentro, por creer que es posible hacerlo de manera distinta en espacios profundamente patriarcales, por abonar a mis feminismos, por deconstruir las masculinidades en comunidad. Por ayudarme a balancear tareas, por respetar límites en amor y solidaridad; por ayudarme a tener una práctica reflexiva constante, por cuestionarme cuando ha sido necesario y esperar mis respuestas con paciencia, ternura y amor. Quedo agradecida por la oportunidad de acercarme a los feminismos de Brasil, a través del Paralaxe y de los trabajos de este libro. Gracias a las feministas de Brasil por permitirme entender el coloniaje desde otro lugar para mirar a mi Caribe isleño. Aluísio gracias por la invitación, por mantener la puerta abierta, por confiar y creer que es posible embarcarse en un proyecto como éste hablando, escribiendo... sentipensando en dos idiomas. *Obrigada por ouvir minha história, aquela que me recusei a contar.*

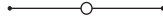
Yarimar Rosa-Rodríguez

Agradecemos, finalmente, à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap e ao Governo do Estado do Ceará pelo auxílio financeiro oriundo do Edital 02/2020 PPSUS CE SPU, n. 07905706/2020, n. P020-0171-00134.01.00/20, que possibilitou esta publicação. Ao Conselho Nacional de Desenvolvi-

mento Científico e Tecnológico – CNPq pela Bolsa de Produtividade PQ 1D concedida e relacionada ao projeto “Coisas frágeis: imagens e enquadramentos em narrativas das experiências de sofrimento”, processo: 314112/2021-9. À Editora Sulina e ao editor Luis Gomes pela recepção imediata do projeto do livro, apoio durante todo processo de sua produção e cuidado na elaboração da obra. Neste momento histórico, em que temos diversas forças lutando contra a produção de conhecimento, cortes de recursos para pesquisa e publicação, esses agradecimentos se tornam ainda mais importantes e esperamos repetir com vocês este movimento mais outras vezes.

*Alúcio Ferreira de Lima & Yarimar Rosa-Rodríguez*

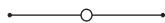
# SUMÁRIO



|  |     |
|--|-----|
| Prefácio.....  | 15  |
| <i>Aida Bueno Sarduy (Havana, Cuba)</i>  |     |
| Quando o livro também faz parte do caminho da pesquisa: apresentação<br>de um livro organizado em dois idiomas .....   | 19  |
| <i>Aluísio Ferreira de Lima &amp; Yarimar Rosa-Rodríguez</i>   |     |
| <b>Capítulo 1</b>  |     |
| Escutar o que foi silenciado, ler o que nunca foi escrito e escrever<br>sobre narrativas impossíveis: fabulação crítica e insurgência<br>à morte do narrador .....           | 27  |
| <i>Aluísio Ferreira de Lima (Ceará, Brasil)</i>  |     |
| <b>Capítulo 2</b>  |     |
| Narrar a perda, cuidar dos mortos: um diálogo entre "A autobiografia da minha<br>mãe", de Jamaica Kincaid, e "A água é uma máquina do tempo", de Aline Motta.....            | 51  |
| <i>Fernanda Silva e Sousa (São Paulo, Brasil)</i>  |     |
| <b>Capítulo 3</b>  |     |
| Isto não é ficção científica: raça, gênero e sexualidade na pós-humanidade.....  | 75  |
| <i>Janleide Teixeira Góes (Bahia, Brasil)</i>  |     |
| <b>Capítulo 4</b>  |     |
| Femicídio em pauta: reflexões sobre a criação artística<br>da Coletiva Palabreria.....   | 93  |
| <i>Fernanda Machado, Luiza Romão e Sofia Boito (São Paulo, Brasil)</i>   |     |
| <b>Capítulo 5</b>  |     |
| Teoria social interseccional e decolonialidade como críticas<br>feministas a uma teoria crítica unificada.....   | 113 |
| <i>Stephanie Caroline Ferreira de Lima (Ceará, Brasil)</i>   |     |
| <b>Capítulo 6</b>  |     |
| Quando las ideas brillantes y las buenas intenciones no bastan:<br>notas para la generación de ensamblajes afirmativos "post-paki"<br>en la psicología latinoamericana ..... | 137 |
| <i>Paribanú Freitas De León (Uruguay)</i>  |     |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Capítulo 7</b>   |     |
| Tornar-se compositora: narrativas de resistência de mulheres negras na cena musical de Alagoas .....  | 159 |
| <i>Jaileila de Araújo Menezes &amp; Maria Natália Matias Rodrigues (Alagoas, Brasil)</i>  |     |
| <b>Capítulo 8</b>   |     |
| El abordaje crítico-feminista en los estudios de familias diversas y disidentes de la heteronormatividad: compromiso con una investigación emancipatoria y transgresora .....             | 181 |
| <i>Tania Esmeralda Rocha Sánchez (Ciudad de México, México)</i>   |     |
| <b>Capítulo 9</b>   |     |
| Investigar desde nuestra ciudadanía académica: la auto entrevista como estrategia de investigación feminista .....  | 207 |
| <i>Yarimar Rosa-Rodríguez &amp; Valerie Asencio Torres (San Juan, Puerto Rico)</i>  |     |
| <b>Capítulo 10</b>  |     |
| Abortamento e sensação de alívio: revisão integrativa da literatura brasileira.....   | 231 |
| <i>Madge Porto &amp; Valeska Zanello (Acre &amp; Brasília, Brasil)</i>  |     |
| <b>Capítulo 11</b>  |     |
| Presenças, ausências, urgências e insurgências nas trajetórias de escolarização de estudantes LGBTs: contribuições da pesquisa para a formação de professoras/es .....                    | 251 |
| <i>Iolete Ribeiro da Silva, André Luiz Machado das Neves &amp; Camila Ribeiro da Silva (Amazonas, Brasil)</i>   |     |
| <b>Capítulo 12</b>  |     |
| La violencia homofóbica y transfóbica en el contexto educativo: Aportes a su prevención, desde el proyecto estudio sobre el bullying homofóbico en instituciones educativas cubanas ..... | 271 |
| <i>Yoanka Rodney Rodríguez, Miriam Rodríguez Ojeda &amp; Ángela Elena Suarez Estévez (Havana, Cuba)</i>   |     |
| <b>Capítulo 13</b>  |     |
| Algumas notas acerca da capa para um livro de/sobre <i>mujeres con los ojos bien abiertos</i> .....   | 293 |
| <i>Julieta de Marziani (Buenos Aires, Argentina), Yarimar Rosa-Rodríguez &amp; Aluísio Ferreira de Lima</i>   |     |
| Sobre as autoras e os autores .....   | 297 |

## PREFÁCIO



Os efeitos mais devastadores e persistentes dos processos civilizatórios levados a cabo no passado pelas diversas nações incluídas no que hoje reconhecemos como “o Ocidente”, e que se fazem sentir até o presente, ocorreram na esfera simbólica, no campo do imaterial. Ocupar território é uma coisa, mas ocupar espaço mental e metafísico é outra completamente diferente.

Recuperar a soberania sobre um território ou libertá-lo de ocupantes ilegítimos implica expulsá-los violentamente; exige soluções extremas, quase sempre associadas à guerra; mas sabemos que nenhuma guerra pode ser sustentada indefinidamente. Portanto, com maior ou menor precisão temos as datas que marcam o momento em que ocorreu materialmente a descolonização de um determinado território.

Contudo, esta retirada do opressor que ocorre na esfera material e física nunca é acompanhada da supressão de todo o dispositivo simbólico e de crenças que o colonizador implanta na sociedade conquistada e que, de fato, constitui o principal suporte de qualquer processo civilizatório. Este dispositivo, quase sempre implementado a sangue e fogo, por um lado, estabelece a superioridade moral e biológica do invasor, a superioridade da sua cultura, das suas crenças e da sua racionalidade, e por outro invade as mentes dos oprimidos com a ideia de que não há outra saída senão consentir neste domínio absoluto. Esta aceitação implica a demolição e a desativação dos programas culturais nativos, das suas próprias formas de pensar e de fazer, revogando os mitos fundadores e declarando-se beligerantes contra qualquer ideia que contrarie este mandato colonial.

O colonialismo, além de representar uma ocupação territorial, constitui essencialmente uma ocupação mental que aos poucos cor-

rói as cosmopercepções originais e destrói a autoimagem do colonizado até que o espelho em que se olha seja o do seu opressor.

Essa ocupação mental quase sempre começa de forma violenta, mas aos poucos se normaliza e se transforma em aspiração. Para sobreviver, o colonizado deve adotar estas novas explicações do mundo. Quando as crenças do opressor começam a ser tomadas como próprias, quando, através dos mais diversos mecanismos – incluindo a implementação de crenças religiosas –, se consegue que o olhar se volte para o colonizador, considerando-o como sua única referência, já não se requer o uso da violência física ou o poder da morte. Nesse espaço imaterial é onde ocorre a autêntica colonização, é aí onde ocorre a destruição da própria imagem, dos próprios saberes, onde se cancela a iniciativa que todos os povos têm de protagonizar a sua própria história e transmitir o seu conhecimento às gerações seguintes, se constituindo, provavelmente, seu efeito mais devastador e mais persistente.

Este quadro mental colonial imposto, que desvaloriza a vida das pessoas não brancas e institui o racismo como sistema de ordem social, manifesta-se na esfera simbólica, moral e cultural liquidando outros saberes, outras origens do mundo, outras explicações sobre a relação entre seres humanos e o entorno natural. Condena outras formas de relacionar-se com o corpo, com o desejo, com a sexualidade e com a própria vida. A sociedade colonizada é obrigada a ser uma cópia – sempre imperfeita e inacabada – da sociedade hegemônica. Também é imposta uma língua culta, a língua do opressor, que é a que supostamente melhor expressa todos esses conteúdos e a que permite o ascender social e materialmente. Esta linguagem dominante não coexiste com as outras, dos oprimidos, mas antes impõe-se a elas e as enfraquece.

Como podemos reverter esse processo de suplantação epistêmica que tem procurado liquidar outras formas de pensar a vida? Como desaprender tudo o que foi implantado em nós contra a nossa vontade? Como quebrar os espelhos dos outros e construir os nossos próprios espelhos? Como escrever gramáticas novas, diversas,



capazes de dar conta do que pode ser pensado e imaginado a partir de outros referenciais éticos, estéticos e relacionais? Como podemos reconstruir-nos apesar de termos sofrido esses danos irreparáveis nos nossos programas culturais nativos, nos nossos conhecimentos ancestrais perdidos e nas nossas biografias? Como podemos imaginar um mundo não binário, sem hierarquias de gênero, que não exija uma retórica patologizante para explicar a diversidade sexual e cujos saberes científicos não hierarquizem os corpos com base nas suas diferenças anatômicas? Como construir outra experiência de VIDA, que não seja marcada pela resistência, mas pelo direito à iniciativa histórica, pelo poder de recuperar, mas também de reinventar e imaginar novos saberes?

Este livro, através dos diversos capítulos que o compõem, fornece ferramentas discursivas, conceituais e testemunhais que afirmam a possibilidade de sentir-viver-pensar de outra forma. São textos que denunciam ataques homofóbicos e transfóbicos, feminicídios e violências contra mulheres negras, contra mulheres imigrantes, contra a liberdade sexual, mas que ao mesmo tempo fornecem ferramentas para pensar um mundo livre de hierarquias sexuais, que enunciam possibilidades de encontros com outras pessoas na diversidade sexual, onde nada é dissidente porque a diversidade é a norma. São escritos que denunciam o racismo e a discriminação, e que assinalam como funcionam os processos de construção política e social do preconceito racial; um tipo de preconceito que, uma vez institucionalizado e normalizado, circula livremente em todos os espaços, sendo patrocinado pela maioria dos meios de comunicação e tecnologias de informação, que são responsáveis pela reprodução e difusão desses conteúdos racistas, essas violências às mulheres, homofóbicas e transfóbicas.

A exposição de todos esses problemas sociais, que infelizmente não puderam ser erradicados e que estão enraizados naquele passado colonial e racista que se recusa a desaparecer, é acompanhada de propostas, de iniciativas e também de esperança. Este trabalho de compilação é também um convite à abordagem de propostas episte-

mológicas plurais, de saberes que se complementam e se potencializam pela escuta e pelo diálogo com o outro.

Reconhecendo a dimensão ética e política do conhecimento e que a produção de conhecimento ocorre em todos os setores e contextos sociais, não apenas no campo acadêmico, estes escritos recorrem a materiais de natureza diversa: materiais de arquivo, testemunhos, autobiografias, música, exercícios e investigações ficcionais. Esta multiplicidade de modos de fazer e de saber manifestada em cada um destes capítulos convida-nos a pensar o gênero e a sexualidade de uma forma mais ampla, e ajuda-nos a imaginar a forma como as nossas posições teóricas podem, talvez, antecipar o mundo emancipado com que sonhamos.

*Aida Esther Bueno Sarduy\**

*Salvador-Bahia, Brasil  
junho de 2023*

---

\* Antropóloga afro-cubana, documentarista, professora da Universidade de Nova York.